Frango — os grandes mercados do Oriente

Num balanço do comércio mundial de carne de aves, a Arábia Saudita aparece como o maior importador isolado da França e do Brasil no Oriente. Em conseqüência da projeção de crescimento na produção árabe para 1996 feita pelo USDA, as importações do país deverão declinar 17%, ficando no mesmo nível de 1991. Alguns dados sobre o mercado chinês.

No início deste ano, o Centro Francês de Comércio Exterior (CFCE) apresentou o balanço do comércio internacional de carne de aves da França para 1995. Esses resultados merecem atenção, pois trata-se do segundo maior exportador mundial do produto, considerando suas vendas tanto à própria UE — normalmente representativas de 45% do total — como aos chamados *terceiros países*.

De acordo com o relatório, o total de 737 mil toneladas vendido pela França no ano passado foi 8% maior do que um ano antes. No caso das vendas para *terceiros países*, o crescimento foi de 12%, ao mesmo tempo em que as exportações apenas a países da União Européia cresceram não mais que 8%. A maior parte das exportações francesas de carne avícola para fora da UE foi direcionada aos países do Oriente, Médio e Próximo, num total de 221,3 mil toneladas. No caso, 51% dessa tonelagem foram vendidos unicamente à Arábia Saudita.

Tradicional concorrente da França nesse comércio, em 1995 o Brasil viu suas vendas declinarem 10%, em parte por causa do forte aumento da demanda interna. Por outro lado, não deixaram de existir as tradicionais dificuldades das empresas brasileiras em relação às estrangeiras — tanto francesas quanto norte-americanas —, que contam com pesados subsídios de seus respectivos governos.

As vendas do Brasil aos países árabes em especial alcançaram 191,5 mil toneladas no ano passado, representando 45% do total vendido no ano. A preferência desses clientes continua a ser por frangos inteiros, cujo volume chegou a 94% do total. No caso dos maiores adquirentes isolados, o destaque ficou, à semelhança do verificado no comércio francês, para a Arábia Saudita, que absorveu 141,6 mil toneladas do produto brasileiro.

Preferência na Arábia Saudita

A grande concentração de vendas tanto brasileiras quanto francesas a um único país suscita a curiosidade a respeito do perfil do comprador, ao mesmo tempo em que faz pensar a respeito de sua tendência futura como garantidor desse comércio.

Trata-se de país cujo crescimento demográfico de 3,9% é o maior entre os países do Oriente Médio. Adquire essencialmente frangos inteiros, para atender a consumo *per capita* da ordem de 33kg/ano. A preferência da população local por essa proteína advém de seu preço varejista, cerca de três vezes menor do que o das carnes bovina ou de carneiro, o que levou o governo saudita a favorecer a criação avícola interna através de financiamento direto aos criadores e de redução das tarifas de importação dos insumos.

Tais estímulos têm facultado o crescimento da quantidade de criatórios em solo saudita, assim como na União dos Emirados Árabes. No caso da Arábia Saudita em especial, as duas maiores companhias avícolas são a Fakieh e a Al Watania. A primeira está investindo pesadamente na construção de galpões, com vistas a garantir o fornecimento da carne para sua própria cadeia de restaurantes de *fast-food*, recentemente estabelecida.

Região do Golfo — carne avícola
Produção real em 1989 e 1994 e projeção para o ano 2000 — em mil t

País	1989	1994	2000
Bahrain	3	4	19
Kuweit	31	17	88
Oman	2	4	18
Qatar	2	4	13
Arábia Saudita	209	279	425
União dos Emirados Árabes	17	7	49
Total	264	315	612

Fonte: *World Poultry*.

Por outro lado, a produção de grãos para a alimentação do rebanho avícola no Oriente Médio como um todo continua a ser um forte gargalo. Em meados de 1994, por exemplo, o CFCE estimou que, para satisfazer o consumo médio *per capita* regional de 10kg/ano de carne de aves em 1995 — o equivalente a um total de 2,1 milhões de toneladas do produto —, a disponibilidade de grãos para a alimentação do rebanho referente chegaria a 11,1 milhões de toneladas. Algo impensável para um conjunto de países de notória dificuldade na produção agrícola.

Por esses motivos, a Arábia Saudita não só não abre mão das importações de carne avícola, como as vem aumentando. Entre 1991 e 1995, as aquisições avançaram 22% em termos acumulados, enquanto a produção interna da proteína aumentou apenas 8%. Em outras palavras, houve aumento da proporção das compras externas sobre sua produção doméstica, praticamente tendo-se igualado as duas no biênio 1994/95.

Arábia Saudita — carne avícola
1991 a 1996 — em t

Anos	Produção	Importação	Exportação
1991	285.000	245.000	5.000
1992	275.000	250.000	4.000
1993	285.000	263.000	9.000
1994	286.000	299.000	17.000
1995[e]	309.000	299.000	20.000
1996[p]	340.000	247.000	35.000

Fonte: USDA.
e = estimativa; p = previsão

Para 1996, há uma projeção do USDA de que a Arábia Saudita produzirá 340 mil toneladas de carne avícola, num aumento inédito de 10% sobre o realizado no exercício anterior. Em conseqüência, as importações deverão declinar 17%, descendo para 247 mil toneladas, nível igual ao realizado em 1991.

Aumentam as importações chinesas

Outro caso a destacar no cenário do comércio internacional de carne de aves é o da China, cujas aquisições aumentaram, no qüinqüênio 1991-95, à taxa média anual de 36% (contra 19,5% para a taxa mundial).

As compras chinesas da carne branca estrangeira se inserem na tendência recente de aumento do consumo de proteínas animais no país. A título de ilustração, dados do USDA revelam que, em 1995, o consumo *per capita* chinês de carne avícola foi de 6,3kg/ano em 1995, ou 84% maior do que o nível registrado em 1991. Por isso, a participação do produto importado sobre a produção interna praticamente dobrou, ainda que esta tenha crescido 91% no período.

O investimento estrangeiro na avicultura chinesa tem sido o grande responsável pelo aumento da produção interna. A maior parte desse capital é oriundo de empresas de outros países asiáticos, que funcionam em regime de integração. Seu interesse transcende o abastecimento interno, uma vez que o uso da mão-de-obra chinesa, muito barata, favorece a produção voltada para a exportação a países vizinhos na Ásia, cuja avicultura entrou em colapso devido ao aumento de seus custos internos.

No que diz respeito às exportações brasileiras de carne avícola ao mercado chinês, trata-se ainda de quantidades incipientes, quando confrontadas com o total do comércio. No ano passado, as vendas não passaram de 284t de partes de aves, ou menos de 0,1% das compras totais realizadas externamente

China — carnes e outras proteínas animais
Produção *per capita* média anual no período 1989-91 e projeções para 2000, 2010 e 2025 de acordo com duas hipóteses de crescimento da economia (em kg)

		Economia com crescimento acelerado			Economia com crescimento fraco		
Item	1989-91	2000	2010	2025	2000	2010	2025
Carne bovina	0,98	1,50	1,80	2,10	1,70	2,30	3,10
Carne suína	20,11	24,00	26,30	28,40	25,60	30,10	35,30
Carne avícola	2,92	4,90	6,70	9,40	5,70	9,70	18,20
Leite de vaca	3,70	6,20	8,90	12,50	7,20	13,10	24,70
Ovos	7,15	8,50	9,30	10,10	9,10	10,70	12,60
Carne total	25,08	31,50	36,10	41,20	34,20	43,40	58,10

Fonte: *Feedstuffs*.
Obs.: A hipótese de crescimento acelerado baseia-se na repetição das taxas de crescimento ocorridas nos anos 80, o contrário ocorrendo para a hipótese de crescimento fraco.

Preços internos ainda baixos

Não resta dúvida de que, neste ano, o produtor de milho está conseguindo repor as perdas registradas em 1995 por conta da oferta recorde do cereal. De fato, entre janeiro e maio últimos, o preço médio de R$7,22/60kg ao produtor paranaense foi praticamente 23% maior em termos reais do que o de um ano antes.

Por outro lado, quando confrontada com a média dos cinco primeiros meses de 1994, esta diferença torna-se negativa em 5,5%. Ou seja, a propalada recuperação recente da renda do produtor de milho empalidece quando comparada aos preços registrados em um ano-safra normal — no caso, a temporada 1993/94, cuja primeira safra foi de 30,2 milhões de toneladas.

Pode-se dizer, portanto, que uma análise honesta do atual patamar de remuneração dos agricultores não comporta a aura de sensacionalismo que alguns veículos de informação teimam em apresentar, referindo-se aos recentes aumentos dos preços do milho. Além do mais, uma análise macro desse mercado revela que, apesar de estar ocorrendo uma verdadeira explosão nos preços internacionais do produto, não se observam reflexos internos desse movimento, contrariamente ao que se poderia esperar. Se não, vejamos.

De janeiro a maio últimos, o preço do milho registrado na Bolsa de Chicago ficou em US$4,15/bushel, valor 70 e 47% maior, respectivamente, do que as médias dos mesmos períodos em 1995 e em 1994. Enquanto isso, na análise mês a mês desde janeiro último, observa-se que o avanço acumulado de 20% nas cotações do milho na bolsa norte-americana foi muito próximo dos 23% verificados no caso do produto do Paraná.

Confrontando os preços do milho naquela bolsa com os preços pagos ao produtor paranaense, para os cinco primeiros meses de 1994, 1995 e 1996, observa-se que a relação entre ambos decresce paulatinamente, de 1,15, para 1,02 e para 0,74. Ou seja, embora os aumentos no preço interno do grão venham, desde o início do ano, igualando os avanços registrados por seu congênere nos EUA, isso ainda não foi suficiente para que se alcançasse — ou se ultrapassasse — a paridade entre ambos.

Tendo em vista ainda que tal paridade só chegou a existir em uma época de oferta recorde no Brasil — o início do ano passado — parece inevitável a conclusão de que é preciso dissociar esses dois mercados. A semelhança entre os aumentos de cotação do começo do atual exercício, menos que uma conseqüência, parece ter sido apenas uma coincidência.

Milho — diversos indicadores

Período	Preços médios reais* recebidos pelos produtores no Paraná em R$/kg (A)	Preços médios registrados na Bolsa de Chicago em US$/bushel (B)
Jan./maio 1994	7,64/60	2,82 (6,66/60kg)
Jan./maio 1995	5,88/60	2,44 (5,77/60kg)
Jan./maio 1996	7,22/60	4,15 (9,80/60kg)
Jan. 1996	6,71/60	3,62
Fev.	6,66/60	3,74
Mar.	6,65/60	3,90
Abr.	7,69/60	4,54
Maio	8,39/60	4,94

Fontes: FGV/CEA, Conab, Bolsa de Chicago.
* Deflacionados pelo IGP-DI (FGV) para abril de 1996; os dados de maio de 1996 são nominais e dizem respeito apenas à primeira quinzena do mês.

pelos chineses. *Além do mais, embora essa quantidade tenha sido 150% maior do que as vendas realizadas em 1994, ela equivaleu a praticamente metade do que fora vendido em 1993.*

O consumidor chinês se destaca por preferências muito distintas daquelas típicas no mundo ocidental. Por exemplo, a carne escura da ave é preferida à carne branca, assim como o frango fresco ao congelado. Além do mais, asas, miúdos, pés, pescoços e cabeças das aves são muito apreciados por essa população, assim como a carne de pombo.

Isso explica por que a corrida pelo abastecimento de carne avícola aos chineses está sendo gradativamente ganha pelos EUA. Afinal, o grande volume de carne escura e de partes menos *nobres* para os gostos ocidentais produzida internamente, mas desdenhada pelos norte-americanos, é ideal para a China. Não é para menos que, entre 1990 e 1994, a participação do produto norte-americano sobre o total adquirido pelos chineses saltou de 45% para 73%.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

SOJA

Mais soja e menos milho nos EUA

Persiste a configuração de weather market *nos EUA. O Departamento de Agricultura daquele país, em seu relatório de junho, apresentou informações relevantes para a sojicultura. Em primeiro lugar, aumenta a área da soja este ano e cai a do milho. Em segundo, os rendimentos da soja não serão tão bons quanto se supunha.*

O novo relatório do US Department of Agriculture — USDA —, divulgado em 12 de junho, promoveu poucas alterações no balanço mundial de oferta e demanda da soja. Exerceu efeito positivo sobre o mercado a ligeira redução da produção mundial, de 123,81 milhões para 123,67 milhões de toneladas. Os estoques finais mundiais, porém, aumentaram, nessa estimativa, de 16,89 milhões para 16,99 milhões de toneladas, ou 200 mil toneladas a mais do que a previsão anterior.

No que se refere à produção, a única alteração significativa foi a efetuada justamente na safra brasi-